



PERFIL DOS ESTUDANTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA ACERCA DO USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS

Raquel Ribeiro Nogueira¹, Marta Kolhs², Tania Maria Ascari³.

¹ Acadêmica do Curso de Enfermagem da UDESC – voluntária PIVIC/UDESC.

² Professora, Departamento de enfermagem da UDESC

³ Orientadora, Professora, Departamento de enfermagem da UDESC. E-mail: tania.ascari@udesc.br

Palavras-chave: Enfermagem. Psicotrópicos. Universitários.

O consumo de medicamentos psicotrópicos tem aumentado significativamente nos últimos anos, com início de uso cada vez mais precoce, se tornando um problema de saúde pública e em consequência disso a OMS tem alertado sobre o uso desses medicamentos nos países em desenvolvimento. Um dos fatores que levam os indivíduos a usar medicamentos psicotrópicos é a busca do fortalecimento da sua capacidade individual ou coletiva no enfrentamento a situações do cotidiano, como por exemplo os estresses da vida acadêmica, utilizando os medicamentos psicotrópicos como “válvula de escape” frente a estas situações e circunstâncias de suas vidas. Neste contexto, o estudo teve o objetivo de conhecer o perfil dos estudantes do curso de graduação em enfermagem de uma universidade pública acerca do uso de medicamentos psicotrópicos. Este estudo é um recorte do projeto intitulado: Perfil dos acadêmicos de um centro de educação superior acerca do uso de substâncias psicoativas. O projeto seguiu as normativas da resolução nº 466 de 2012; foi submetido à apreciação e aprovado pelo comitê de ética da UDESC sob número CAAE 53535816.6.0000.0118. Trata-se de uma pesquisa quantitativa epidemiológica transversal, realizada em no ano de 2016 com 151 estudantes de enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário adaptado da versão virtual do questionário Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test e do I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras. Acerca da caracterização sociodemográfica constatou-se que são: adultos jovens (76,15%), solteiros (83,4%), sem filhos (90%), do sexo feminino (91%), de etnia caucasoide (86,76%), grande parte católicos (67,54%), moram em república e com amigos (35%) ou sozinho (15%) e satisfeitos com o seu curso de graduação (91%). Quanto ao uso dos medicamentos psicotrópicos, 30% afirmaram que já utilizaram esse tipo de medicamento em algum momento na vida e 11,2% utilizam antidepressivos, alguns casos associados a ansiolíticos ou estabilizantes de humor. Segundo o relatório da OMS de 2017, o Brasil é o país com maior prevalência de depressão na América Latina com o percentual de 5,8% ultrapassando a prevalência mundial da depressão que é de 4,4%. Chama atenção o percentual de 11,2% dos participantes que usam antidepressivos, pois esse índice se caracteriza em mais que o dobro da prevalência da depressão no Brasil, apontada pela OMS. Os antidepressivos mais utilizados foram a classe dos Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS) com 70,6%; acerca dos ansiolíticos, a única classe utilizada foi dos benzodiazepínicos. O Topiramato foi o estabilizante de humor mais



utilizado correspondendo 50%. Os resultados encontrados neste estudo revelam que o uso dos medicamentos psicotrópicos entre os estudantes de Enfermagem da UDESC é expressivo, tornando-se um fator preocupante no que diz respeito à saúde dessa população, uma vez que esse percentual de 11,2% transcende a prevalência de depressão na população brasileira. Acredita-se que este estudo oportunizará reflexões e propostas, bem como ações preventivas na Universidade, como a realização de oficinas com a participação de diversas áreas de conhecimento para abordar sobre a temática do sofrimento mental nas suas diversas nuances. Cabe ainda implementar estratégias de cunho educativo, proporcionando maior conhecimento aos estudantes quanto ao uso, efeitos colaterais e terapêuticos dos psicotrópicos, com a finalidade de modificar o atual cenário apresentado. Num cenário de formação em saúde, onde a humanização é um foco de aprendizagem, torna-se imperativo um ambiente acolhedor e de promoção de saúde para os estudantes ingressantes ou veteranos, buscando ainda estratégias que visem fortalecer a saúde mental, estrutura psíquica e o autoconhecimento dos estudantes.